

“CONSOLEM, CONSOLEM O MEU POVO”

Anselmo Ernesto Graff – editor

A Covid-19, que aparenta estar sob controle na medida em que ocorre a vacinação¹ e se aprende a lidar com a situação, vitimou quase 5 milhões de pessoas até o presente momento.² Para quem sofreu diretamente com a pandemia, esta parece ter sido a “mais devastadora de todas”. Entretanto, houve outra, considerada pelos estudiosos como a “pior epidemia da história”, a peste negra (UJVARI, 2020, p.45).³

A igreja cristã teve papel importante na boa ordem da sociedade em tempos de crise, tanto que, em 2013, pesquisas de uma equipe de arqueólogos em uma comunidade rural apontaram para uma missão especial e particular que a igreja desenvolveu à época da peste negra, em 1347 (SOUSA, 2020, p.5); primeiro, através da dignidade atribuída aos enterros, que eram em massa, uma vez que se não havia tempo nem condições para funerais individuais; “[...] os mortos foram tratados com muito respeito e cuidado, como seria de se esperar em tempos normais” (WILLMOTT apud SOUSA, 2020, p.5); segundo, porque “as pessoas que recorriam aos

1 Os dados apontam para mais de 6 bilhões de doses aplicadas até o dia 13 de outubro de 2021.

2 <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>. Acesso em: 3 out.2021.

3 Também chamada de “peste bubônica”. Bubônica, em função de tumores dolorosos na região dos gânglios (íngua), e negra, por causa da falta de oxigenação corporal aliada à diminuição da circulação sanguínea que atingia os dedos, enegrecendo-os (UJVARI, 2020, p.47).

monges não procuravam a cura ou a salvação, *mas um último consolo em vida*” (SOUSA, 2020, p.5 – ênfase minha).

A vida estava aparentemente normal, no ano de 1347, até que se notou um aumento significativo de óbitos na província de Messina, na Sicília. Além disso, houve um evento particular que majorou a contaminação da peste, e sua propagação global, a saber, quando a Crimeia foi atacada pelos tártaros, originários da Ásia, que invadiram a cidade de Kaffa, hoje Teodósia, Ucrânia. Durante o cerco, o surto se instaurou e o número de casualidades aumentava a cada dia, a ponto de motivar o abandono do lugar. “Há relatos de que os mortos eram arremessados por cima dos muros por catapultas, com a intenção de espalhar a doença entre os genoveses, o que representou uma das primeiras tentativas de guerra bacteriológica da História” (UJVARI, 2020, p.46; FRITH, 2012, p.13). A propósito, “Sicília, Gênova e Veneza foram as portas de entrada da peste bubônica na Europa” (UJVARI, 2020, p.45).

A enfermidade se expandiu pela Europa e impiedosamente fazia vítimas por onde passava. Cidades italianas foram arruinadas e, em Pisa, “[...] morriam quinhentas pessoas por dia”. Paris, com mais de 100 mil habitantes, “[...] viu metade da sua população sumir pela doença” (UJVARI, 2020, p.51).

O período entre 1347 e 1352 se apresenta como o mais atroz, não obstante, a peste negra não teve seu começo e fim nestes anos. Frith (2012, p.11) identifica três ocorrências mundiais importantes, “cada uma delas causando uma mortalidade devastadora de pessoas e animais por todas as nações e continentes”, que mostraram seus efeitos por vários séculos.

A primeira se tratou da “Peste Justiniana”, no ano de 541, no Império Bizantino. Esta veio da Etiópia, África, e se espalhou para Pelúcio, no Egito, em 540. Depois, alastrou-se para o oeste de Alexandria e para o leste de Gaza, Jerusalém e Antioquia. De lá, foi disseminada por navios nas rotas comerciais marítimas para ambos os lados do Mediterrâneo, chegando a Constantinopla (hoje Istambul), no Outono de 541 (AIRES, 2020, p.9; FRITH, 2012, p.11; UJVARI, 2020, p.33,34).

O foco acabou sendo Constantinopla, atingindo seu pico de óbitos na Primavera de 542, com 5.000 mortes diárias, embora existam estimativas que relatem 10 mil por dia. Em face dos números exorbitantes – a impossibilitar enterros – as vítimas foram empilhadas nas torres das igrejas e nas

muralhas da cidade. Durante os três anos seguintes, a peste se difundiu pela Itália, sul da França, no vale do Reno, Ibéria, norte da Dinamarca e oeste da Irlanda. Disseminou-se, então, para a África, Oriente Médio e Ásia Menor. “Entre os anos 542 e 546 as epidemias na Ásia, África e Europa mataram quase 100 milhões de pessoas” (FRITH, 2012, p.12).

Já a segunda grande manifestação da peste ocorreu em 1347, vindo a ser o mais impactante flagelo dela ao longo dos séculos XIV a XVIII.

No período de 1347 a 1350, a Peste Negra matou um quarto da população na Europa, mais de 25 milhões de pessoas, e outros 25 milhões na Ásia e África. A mortalidade era ainda mais elevada em cidades como Florença, Veneza e Paris onde mais de metade sucumbiu para a peste. Em 1361 ocorreu ainda uma segunda grande epidemia, a *pestis secunda*, na qual 10 a 20% de toda a população europeia morreu (FRITH, 2012, p.14).

Mais adiante, ela reapareceu em 1894 na remota província chinesa de Yunnan. A partir daí, avançou ao longo das rotas do ópio e atingiu a capital provincial Kunming, em 1866. Em 1894, sobreveio ao Cantão, rumando para Hong Kong; em 1896, para Bombaim e, em 1900, para os portos de cada continente, através das rotas de comércio internacional dos novos navios a vapor. “Foi em Hong Kong, em 1894, que Alexandre Yersin descobriu o bacilo, agora conhecido como *Yersinia pestis*, e em Karachi, em 1898, que Paul-Louis Simond descobriu que o rato castanho era o principal hospedeiro e a pulga de rato o vector da doença” (FRITH, 2012, p.15).

A terceira pandemia continuou ativa durante as cinco décadas posteriores e não acabou até 1959. Ao longo do período, causou mais de 15 milhões de mortes, a maioria na Índia (FRITH, 2012, p.15). De lá para cá, surtos acometeram a China e a Tanzânia (1983); o Zaire, em 1992, e Índia, Moçambique e Zimbabué (1994). “Em Madagascar, em meados da década de 1990, foi identificado um medicamento multirresistente à estirpe do bacilo” (FRITH, 2012, p.15). Atualmente, cerca de 2.000 casos ocorrem todos os anos, mormente na África, Ásia e América do Sul, com uma taxa de mortalidade entre 5% e 15% (FRITH, 2012, p.15).

Qual é a origem desse mal? Em 1348, a responsabilidade recaiu sobre a “confluência de astros”; o alinhamento de Júpiter, Saturno e Marte “estariam” ocasionando o estrago (EVANGELISTA, 2020, p.15). Outra

explicação veio a ser a de que a peste se tratou de um castigo divino, afinal, Deus estava punindo a humanidade por causa da “[...] blasfêmia, avareza, usura, luxúria, cobiça e falsidade” (UJVARI, 2020, p.52). Pensava-se também que a transmissão da doença era feita através de miasmas, enfermidades que transportam os vapores que saem dos cadáveres e de matéria putrescente, ou do sopro de uma pessoa infectada ou doente (FRITH, 2012, p.13)

As consequências desses surtos epidêmicos geraram caos e confusão.

Igrejas e as capelas estavam abertas, mas nenhum dos sacerdotes nem os penitentes entravam – todos foram para a casa da vala. O sacristão e o médico foram lançados na mesma cova profunda e ampla; o testador e os seus herdeiros e executores foram atirados da mesma carroça para o mesmo buraco juntos” (FRITH, 2012, p.13).

À igreja coube a “obrigação” de explicar e orientar as pessoas para que evitassem esse infortúnio (UJVARI, 2020, p.52-53). Ora, com o pressuposto de que a peste era castigo divino,⁴ a Europa buscou salvação em São Sebastião. Este, diz-se, resistiu às flechas dos arqueiros romanos do imperador Diocleciano, mas acabou sofrendo a execução depois do seu restabelecimento. “A população acreditava que São Sebastião afastava as flechas da peste bubônica enviadas por Deus e o promoveu protetor contra a doença” (UJVARI, 2020, p.52). Assim, sermões, cultos e rezas ao santo protetor se multiplicavam pelas cidades, “[...] muitas realizadas aos gritos” (UJVARI, 2020, p.53), a fim de se alcançar os ouvidos de Deus.

A igreja fazia parte do cotidiano das cidades; ela ajudava os doentes, prestava auxílio a mendigos e fomentava a atividade cultural com bibliotecas (UJVARI, 2020, p.37); chegou a interferir na definição de medidas protetivas à sociedade por meio de princípios a serem observados na “quarentena” (UJVARI, 2020, p.51).

Quando outra epidemia da peste negra reapareceu na Europa, em

4 Essa ideia foi representada através de pinturas que reproduziam Deus lançando as flechas com a doença na humanidade (UJVARI, 2020, p.52). Ainda, as pinturas revelam que a peste levou a uma preocupação com a morte, como mostra em especial a obra de arte denominada de “Triunfo da Morte”, de Pieter Breughel, o Ancião, em 1562 (FRITH, 2012, p.14).

1374, a cidade de Veneza instituiu protocolos de saúde pública, tais quais o isolamento das vítimas de pessoas saudáveis e o impedimento de navios contaminados desembarcarem no porto.

Em 1377, a república de Ragusa no Mar Adriático (hoje Dubrovnik na Iugoslávia) estabeleceu uma estação de desembarque de navios longe da cidade e do porto, na qual os viajantes suspeitos de terem a peste tiveram de passar trinta dias, a trentena, para ver se ficariam doentes e morriam ou se permaneceriam saudáveis para poderem partir. A trentena foi considerada demasiado curta e em 1403 em Veneza, os viajantes do Levante no Mediterrâneo oriental ficaram isolados num hospital durante quarenta dias, sendo instituída a quarentena (FRITH, 2012, p.14)

A mudança para os “quarenta dias” pode ter tido relação com referências bíblicas e históricas, a exemplo da observância cristã da Quaresma; do período pelo qual Cristo jejuou e foi tentado no deserto; ou a antiga doutrina grega dos “dias críticos”, cuja crença era de que uma doença contagiosa se desenvolveria no prazo de 40 dias após a sua exposição (FRITH, 2012, p.14; UJVARI, 2020, p.51).

Por outro lado, a missão primordial da igreja foi testemunhada no consolo que as pessoas buscaram nas suas horas de sofrimento, e isso remete às palavras de Deus em Isaías: “Consolem, consolem o meu povo” (Is 40.1). Essa foi a incumbência entregue aos portadores da Palavra do Senhor. Curiosamente, o profeta Isaías escreveu como se o exílio na Babilônia houvesse terminado.

A palavra de alívio ao coração dos exilados é a de que o Senhor os libertaria da culpa e das dívidas que eles não eram capazes de quitar. “A maravilhosa verdade desses versículos iniciais de Isaías 40 é de que Yahweh é *por* seu povo. E se Deus é *por* nós, quem poderá ser *contra* nós?” (LESSING, 2011, p.127 – ênfase do autor).

O verbo *naham* significa “confortar com palavras”, porém, “consolar” não quer dizer apenas simpatizar-se, mas também encorajar alguém. A tarefa do Senhor em alentar se paraleliza com o “falar ao coração”, de Isaías 40.2, indicando que Israel seria tocado pela mão compassiva de Deus.

Em todo caso, a pregação do evangelho pressupõe que o julgamento divino sobre a casa de Deus levou o povo ao arrependimento. O imperativo

repetido “consolem, consolem”⁵ dá tons de urgência à missão. Essa pressa não está baseada no grau de sinceridade da fé ou da contrição do povo de Deus, mas na graciosa iniciativa do Senhor, quem torna possível recomeços por meio do arrependimento (Rm 2.4), o qual enseja nova vida (LESSING, 2011, p.129). O Servo Sofredor do Senhor é o agente que paga as iniquidades de Israel e de todas as pessoas; é ele quem sofreu as consequências do pecado e removeu a sua punição (Is 53.5, 6, 11) (LESSING, 2011, p.108).

A iniquidade do povo foi grande, todavia, a graça do Senhor é sempre maior, porquanto Deus é “rico em misericórdia”, e ele, maravilhosamente, é quem toma a frente para dar coisas boas em dobro à proporção da punição merecida. “Em lugar de vergonha, vocês terão dupla honra; em lugar da afronta, exultarão na herança recebida; por isso, em sua terra possuirão o dobro e terão perpétua alegria” (Is 61.7).

É digno de nota que os portadores dessa mensagem de perdão – os confortadores de Deus – não têm identidade definida no texto de Isaías, porque o sujeito do conforto é o próprio Senhor (LESSING, 2011, p.104): “Eu, eu sou aquele que os consola” (Is 51.12 – cf. Is 49.13; 51.3).

Num contexto em que pessoas têm perdido sua fé e esperança em Iahweh e se inclinado a colocar sua confiança em outras divindades, o anonimato formal dos confortadores a quem Iahweh comissiona deixa a ênfase na pessoa de Iahweh (PAYNE apud LESSING, 2011, p.105).

Assim, não foi só ao profeta Isaías que foi designada a missão de consolar. O imperativo está no plural. A audiência das instruções de Deus inclui outros mensageiros daquele consolo. A Septuaginta (LXX) adiciona, no versículo 2, “Sacerdotes, falem”. O Targum suplementa o texto com o vocativo “profetas” (LESSING, 2011, p.105). Portanto, Lessing (2011, p.105) sustenta que esse comissionamento é conferido na presença de um conselho celestial e para os portadores da mensagem de conforto de todos os tempos. “Uma série de outras passagens nos fornecem um vislumbre desse cenário (Is 6; 1Rs 22.19-22; algumas porções de Jó 1-2)”. Igualmente, o texto de Zacarias 1.7-17 compartilha aspectos linguísticos de Isaías 6

5 O uso duplicado da palavra é uma técnica retórica usada pelo profeta Isaías com alguma frequência (Is 24.16; 26.3; 51.9,17; 52.1,11; 57.14; 62.10; 65.1).

e 40.1-11. Nesta perspectiva, o Senhor deu a missão de consolar o povo também aos serafins (Is 6.2), aos filhos de Deus (Jó 1.6;2.1), aos ministros (Sl 104.4) e aos santos (Sl 89.7; Zc 14.5).

Nem só a Isaías, tampouco apenas a anjos. A missão do consolo ao povo de Deus atravessa a história com vistas a afluir na igreja de Cristo. O evangelho é responsabilidade de todos que têm contato com a profecia de Isaías. Este foi e sempre será o ofício da igreja cristã. Através das celebrações do batismo, da santa ceia e da proclamação do evangelho, em suas mais variadas formas (Gl 3.2), o Espírito Santo vem para continuar a obra de Jesus como “o Consolador” (Jo 14.16). Hoje, especialmente, ele se achega para aliviar o mundo, ainda em meio à pandemia, a fim de trazer um pouco do Éden mediante a confiança nos cuidados de Deus, o Pai.

Lutero (1989, p.21) afirma que a imagem do mal passado, ou o mal atrás de nós, faz com que se experimente “[...] a doce misericórdia de Deus Pai, capaz de nos consolar em toda a nossa angústia. Porque ninguém sente a presença da mão de Deus sobre si com mais intensidade do que quando recorda os anos da vida passada”. A razão desta afirmação é a de que, para Lutero, a pessoa pode ver o quanto fez ou sofreu sem ter participação alguma.

[...] tanto que depois de tudo acontecido, se admira e se vê obrigada a dizer: para que me aconteceram estas coisas das quais nunca cogitei ou que imaginei bem diferente? Assim está certo o provérbio: “o ser humano se propõe, mas Deus é quem dispõe”, ou seja, dispõe ao contrário ou outra coisa do que a que o ser humano propõe, fazendo com que, neste um ponto, não possamos negar que nossa vida e nossos atos não foram governados por nossa prudência, mas pelo maravilhoso poder, conselho e bondade de Deus (LUTERO, 1989, p.21)

Nesta confiança, tratemos de consolar – e o façamos como cristãos e igreja – falando aos corações das pessoas, a exemplo de Isaías, como se a pandemia já houvesse terminado, reconhecendo que recebemos o cuidado dobrado de Deus mesmo “quando nem o vimos nem o sentimos” (LUTERO, 1989, p.21). Amém.

Quanto a esta edição da revista, foram contemplados estudos na área da igreja, dos escritos confessionais, da pregação, do ensino, da capelania escolar e do ministério pastoral em sua relação com a teologia da vocação.

Tetzner e Nerbas discorreram sobre os “desigrejados”. O resultado da pesquisa conclui que aqueles não constituem um grupo homogêneo, e que, além da inclinação pecaminosa natural, há outros motivos para o desligamento institucional, a saber, os abusos cometidos pelas lideranças, o legalismo e o distanciamento entre o discurso e a prática. Influências externas como o individualismo crescente e a sociedade de consumo também contribuem para o crescimento do fenômeno. O principal desafio das igrejas parece ser a quebra de estereótipos e o desenvolvimento de uma *práxis* baseada no acolhimento e no evangelho de Jesus Cristo.

Rios abordou a Fórmula de Concórdia e o terceiro uso da lei de Deus, que se desenvolve somente com relação à pessoa justificada com vistas à vida cristã. Sua conclusão é a de que este princípio é parte necessária do ensino da igreja, considerando-se a pessoa cristã real, com toda sua complexidade e necessidade. Com atenção especial para o texto do Artigo VI da Fórmula de Concórdia, e controvérsias recentes surgidas a seu respeito, recomenda-se que o terceiro uso da lei não só é parte do corpo doutrinário luterano como também imprescindível para o fiel ensino da Palavra.

Donat e Prunzel, por sua vez, realizaram pesquisa sobre os Artigos de Esmalcalde, e seu resultado evidencia que esses documentos abarcam intensa teologia pastoral e, portanto, são de grande ajuda na orientação das congregações em seu trabalho e serviço.

Quandt e Scholz investigaram a aplicabilidade de elementos teológicos e homiléticos dos luteranos Gene Edward Veith Jr. e Robert Kolb, e do pastor reformado Timothy Keller, na pregação do evangelho. Aponta-se que, no contexto atual da pregação – este identificado como “Modernidade Líquida” – a fluidez e leveza alcançam os mais diversos aspectos da vida humana, logo, a insegurança, o medo e as incertezas são efeitos desta liquidez. Por outro lado, a Palavra de Deus não é líquida; ela é sólida e permanece para sempre; foi revelada em linguagem acessível ao ser humano, sendo ela, em última análise, o próprio Jesus.

Milagres e Graff apresentaram pesquisa sobre questões metodológicas no ensino confirmatório em Lutero e na contemporaneidade. Os resultados indicam que metodologias que abrangem uma visão ampla do aprendiz dão grande contribuição e deveriam ser mais aproveitadas no processo de ensino/aprendizagem, pois elas levam em consideração a integralidade do aprendiz em suas dimensões de emoção, sentimentos, histórias, aspectos familiares e sociais.

Klippel e Buss examinaram o papel do capelão escolar. Constataram que, através das definições da filosofia cristã-luterana de educação, da capelania escolar e do ofício do ministério, o capelão é um pastor que representa Jesus Cristo tanto na escola quanto na comunidade escolar. O trabalho do capelão deve ser intencional, esforçado em seguir o exemplo de Cristo em todas as suas áreas de atuação.

Geloch e Görl discutiram a questão da “multivocacionalidade” do pastor. Como resultado, observou-se a importância de se distinguir, mesmo que de forma simples, os seus diversos e variáveis chamamentos, para que, instado à ação, ele aja em conformidade com o desígnio específico para o momento, sem invadir ou sobrepor o serviço de outros profissionais.

Este é o menu. Que Deus se faça presente em suas reflexões, caro leitor, e continue a abençoar você e a Revista *Igreja Luterana*, principalmente nas pessoas dos seus colaboradores: pesquisadores/escritores, quadro editorial, conselho dos pareceristas, apoio administrativo e equipe de trabalho da Editora Concórdia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIRES, Lidiane. A Primeira pandemia, *Aventuras na História*, São Paulo, 2020, p.6-10.
- EVANGELISTA, Voltaire Schilling Eber. A grande Peste, p.11-17. *Aventuras na História*, Edição Kindle, São Paulo, 2020.
- FRITH, John. The History of Plague – Part 1. The Three Great Pandemics. *Journal of Military and Veterans’ Health*, v.20, n.2, apr.2012. Disponível em: <https://jmvh.org/wp-content/uploads/2012/04/JMVH-Vol20_2_print.pdf>. Acesso em: 7 out.2021.
- LESSING, Reed R. *Isaiah – 40-55*. Concordia Commentary. St. Louis: CPH, 2011.
- LUTERO, Martinho. Catorze consolações para os que sofrem e estão onerados, de Martinho Lutero, Agostiniano de Wittenberg. Tradução de Martin N. Dreher. In: LUTERO, Martinho, *Obras Seleccionadas – v.2*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989, p.13-47.
- SOUSA, Alana. Arqueologia: Escavação revela o pânico da Peste Negra, p.5. *Aventuras na História*, Edição Kindle, São Paulo, 2020.
- UJVARI, Stefan Cunha. *História das Epidemias*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2020.

